

Arqueologia do Alto Médio São Francisco Região de Januária e Montalvânia*

André Prous**

Paulo A. Junqueira***

Ione M. Malta****

RESUMO

Os trabalhos preliminares efetuados em Januária e Montalvânia permitiram a diferenciação de várias culturas datadas entre 11.000 BP e o período histórico. Foram evidenciados pelo menos três conjuntos pré-cerâmicos, três culturas ceramistas associadas a práticas agrícolas e diversos silos contendo grande variedade de vegetais nativos e cultivados. A arte rupestre, extraordinariamente rica, mostra diversas tradições sucessivas: a mais antiga ligada à tradição "Nordeste", seguida da "São Francisco" e outras manifestações ainda não-definidas. Apesar da presença de corantes nos níveis de mais de 8.000 BP e da representação tardia de vegetais cultivados, a datação absoluta dos grafismos, ainda, não foi realizada.

1. INTRODUÇÃO

Os trabalhos foram iniciados em 1976, quando os pesquisadores da Missão Franco-Brasileira pensaram em escolher uma região do vale do São Francisco para comparar a evolução cultural de uma área aberta — e presumivelmente um corredor natural, que favoreceria a difusão de influências culturais — com a região mais fechada de Lagoa Santa, onde os estudos de campo estavam terminando.

A região escolhida para as pesquisas situa-se no NW do Estado de Minas Gerais, à margem esquerda do Rio São Francisco, entre os Municípios de Januária e Itacarambi — vale do rio Peruaçu — e no Município de Montalvânia.

Em 1976 uma primeira prospecção na região de Montalvânia¹ permitiu levantar 20 sítios (Relatório... 1977). No final do mesmo ano, o Setor de Arqueologia da UFMG realizou prospecções perto de Januária, em colaboração com o dr. A. Bryan. Em 1977, no Município de Montalvânia foram realizadas pelo Setor de Arqueologia da UFMG escavação na Lapa do Dragão — 24m² — e sondagens na Lapa de Poseidon, assim como o levantamento rupestre destes locais e prospecções que permitiram cadastrar um total de 61 sítios. Prospecções complementares foram realizadas nos anos seguintes nos Municípios de Januária e Itacarambi, evidenciando, particularmente, a riqueza da região em abrigos utilizados como moradia e suporte para grafismos rupestres.

A partir de 1981, o Setor de Arqueologia da UFMG, com a colaboração da Missão Francesa, iniciou uma série de prospecções e sondagens na região de Januária-Itacarambi, levantando 34 abrigos e cinco sítios abertos. Quatorze sítios, geralmente de 4m² cada, foram sondados, sendo realizado também o levantamento sistemático e parcial de alguns outros.

Em 1984 iniciaremos escavações de grandes superfícies, nos abrigos do Boquete e dos Bichos, escolhidos a partir dos resultados das sondagens, com o intuito de verificar as modalidades de utilização do espaço durante as sucessivas ocupações.

* Pesquisa financiada pelo CNPq

** Do Setor de Arqueologia da UFMG; Missão Arqueológica Francesa/MG; Bolsista do CNPq.

*** Do Setor de Arqueologia da UFMG.

**** Da Universidade Católica de Minas Gerais; colaboradora do Setor de Arqueologia da UFMG.

¹ Em 1970 e 1974, o IAB do Rio de Janeiro realizou prospecções preliminares na região de Montalvânia, levantando 15 sítios.

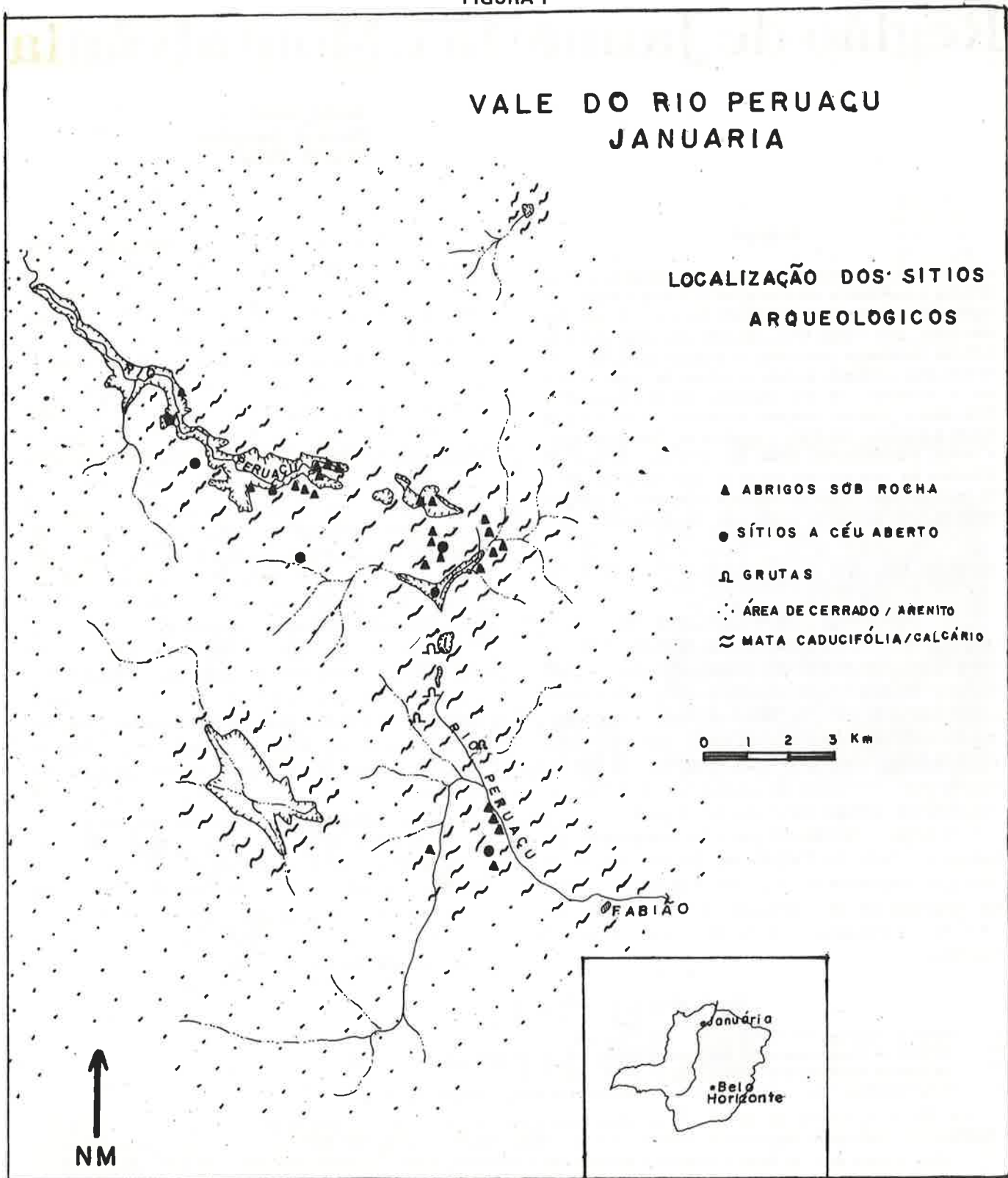
² Uma descrição pormenorizada do material encontrado dentro dos silos poderá ser encontrada em artigo a ser publicado nas Atas da I Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira, realizada em 1981.

Apresentaremos aqui, os principais resultados obtidos nestas pesquisas iniciais, que permitiram obter uma idéia geral da cronologia regional.

2. A OCUPAÇÃO HUMANA NO QUADRO GEOGRÁFICO REGIONAL

Geologicamente a região está assentada

FIGURA 1



no Cráton Sanfranciscano, formado por rochas sedimentares do Grupo Bambuí.

Localmente afloram calcários — comuns, dolomíticos e silicificados —, o que permitiu o desenvolvimento de um relevo cárstico de expressão regional. O vale do rio Peruaçu apresenta um carste de planalto, onde se encontram **canyons** e dolinas secas e afuniladas, sem sedimento. Já no Município de Montalvânia, (mapa - Figura II) onde houve uma remoção das coberturas pleistocênicas em torno dos escarpamentos calcários, encontramos colinas côncavo-convexas e um relevo tabular com vertentes em formas cársticas. Em algumas áreas observa-se, por sobre os calcários, uma cobertura de arenitos silicificados da Formação Urucuia.

A região apresenta-se bastante diversificada em minerais e rochas aproveitáveis para uma indústria lítica. Dentro dos diversos horizontes calcários encontramos níveis de sílica amorfa, de texturas e cores variadas, constituindo a matéria-prima fundamental da área. Em menor proporção foram também utilizados arenitos e calcários dolomíticos e silicificados, por apresentarem um grau de resistência elevado. Na área do domínio do cerrado, o quartzo ocorre em abundância, mas a sua presença nos abrigos é quase nula. A utilização de gnaisses-anfibolíticos, oriundos do embasamento cristalino e que afloram a aproximadamente 20km do vale do rio Peruaçu está indicada, até o momento, por apenas duas peças.

O clima atual, segundo a classificação de Köppen, se enquadra no tipo AW, que corresponde ao clima tropical úmido de savanas, com inverno seco. Mas à medida que nos aproximamos da divisa com a Bahia (Município de Montalvânia), encontramos a transição para o tipo BSw, clima quente e seco, com chuvas de verão. As temperaturas médias anuais giram em torno de 24°C, com uma amplitude de 16°C a 34°C. A precipitação anual está entre 850 e 950mm, sendo o coeficiente de variação anual de 30 a 40%, o que mostra que a região está sujeita a períodos de estiagens prolongadas.

Na região são observados dois tipos de conjuntos vegetacionais heterogêneos: o "Complexo do Cerrado", com área maior, e o "Complexo da Caatinga", com área reduzida. Nos dois complexos, várias formações podem ser verificadas, pois nenhum deles constitui uma região fitogeográfica uniforme. Por sobre o carste encontra-se, ocupando uma área bastante representativa, uma floresta caducifólia, bastante enriquecida por elementos da caatinga. Nas encostas mais abruptas e, algumas

vezes nos terraços superiores onde falta o estrato arbóreo, freqüentemente instalam-se espécies de cactáceas e bromeliáceas.

Observações sobre a flora e a fauna da região do Peruaçu, ainda relativamente preservada, mostram uma diversificação alimentar que permitiria a subsistência durante todo o ano. Estes aspectos contribuíram para o estabelecimento, na região, de grupos caçadores-coletores.

No estágio atual dos levantamentos, observa-se uma ocupação mais intensa dos abrigos, tanto no período pré-cerâmico quanto no cerâmico. No vale do rio Peruaçu, os abrigos sob rocha localizam-se principalmente nos paredões dos **canyons**. Os sítios encontram-se em terraços de erosão, próximos ao rio, mas com o acesso dificultado devido a uma topografia acidentada. Uma ocupação a céu aberto foi constatada, até o momento, em cinco sítios colinares, distantes até 2km do rio.

No município de Montalvânia os sítios estão também localizados em abrigos calcários, colinares ou de platôs, mas distantes de pontos atuais de água permanente. Existe ali, uma nítida diferenciação entre os sítios de habitação e os cerimoniais. Os primeiros, com abundância de vestígios de ocupação, são amplos, claros e têm suas paredes ornadas de pinturas. Já os sítios cerimoniais são pequenos, baixos e escuros, e caracterizados por centenas de gravações, ausência de pinturas e outros vestígios. Quando um abrigo comporta os dois tipos de ambientes, verifica-se a mesma diferenciação entre uma parte pintada-habitada e outra gravada e com sedimento estéril, como por exemplo as escavações na Lapa de Poseidon.

3. A sequência cronológica regional

a) Os níveis inferiores de quase todas as sondagens realizadas são formados por um conjunto de blocos desabados, cujos interstícios estão preenchidos por um sedimento alaranjado (argila de descalcificação). Em vários sítios — Dragão, Hora, Malhador, Caboclo —, este sedimento, de idade pleistocênica, é estéril. No Malhador e no Caboclo, inúmeros gastrópodes pulmonados, da família **Strophocheiliidae** se amontoaram em uma ou em duas superposições perto do paredão, nas regiões mais protegidas — centenas por m². Isto poderia ser um sinal ecológico, caso soubéssemos interpretá-lo: período muito úmido com grande multiplicação dos caramujos; ou período anual de extrema aridez, que forçou uma concentração

dos gastrópodes, para “hibernação”, nos poucos lugares favoráveis. Este fenômeno torna a repertir-se somente no topo da seqüência estratigráfica — período histórico ou proto-histórico — e poderia indicar uma semelhança de condições ecológicas do final do pleistoceno com as atuais, ou que o desaparecimento do fenômeno, nos níveis intermediários, seria explicado pela presença nos abrigos de “comedores de caramujos”.

Na Lapa do Boquete, esta camada de blocos e sedimento alaranjado, sofreu concrecionamento, evoluindo para um piso estalagmítico, demonstrando circulação de água no local, que inexistia na atualidade. Muitos blocos e fragmentos de sílex apresentam facetas que se assemelham a retoques, dando a impressão de núcleos e raspadores terminais bem elaborados. No entanto, por não terem sido determinados os processos de formação desta camada — humanos ou geológicos —, devido à pequena superfície escavada, achamos mais prudente não afirmar que se tratam de artefatos, pois numa brecha que preenche uma diáclase da Lapa de Rezar, encontramos blocos com aparência muito semelhante e que são, evidentemente, de origem natural. É cedo ainda, portanto, para opinar sobre uma possível ocupação pleistocênica na região.

b) A primeira ocupação humana incontestável, ocorre por volta de 11.000 BP, nas Lapas do Boquete e do Dragão, e em níveis semelhantes ainda não datados de outros abrigos — Hora, Bichos, Caboclo. Mostram muitos aspectos comuns com a “Fase Paranaíba”, definida por P. Schmitz e outros, para Goiás. Podemos usar como exemplos, os níveis IX a XII da sondagem 1 do Boquete, que se caracterizam por abundante indústria de sílex, com lascas grandes e espessas, freqüentemente retocadas em raspadores terminais e outros tipos plano-convexos já descritos em trabalho anterior, assim como o sistema original de debitage (Prous e Guimarães, 1981). Muitas lascas estão queimadas por terem sido abandonadas dentro das fogueiras. Conjuntamente aparecem numerosas placas de calcário com bordas regularizadas por lascamento marginal. Um batedor de rocha alóctone mostra que os habitantes do abrigo tinham contatos com as regiões fora do carste.

A indústria de osso é formada por poucos objetos, destacando-se, no final do período, “espátulas” de osso de veado (Foto 4), e que também aparecem nos níveis superiores. Os vestígios alimentares são, predominantemente, de moluscos fluviais e terrestres.



Foto 1: Lapa do Boquete, sondagem 2, pré-cerâmico recente: fogueiras e sinais de postes. Em corte, ao fundo, duas covas de silos e um negativo de poste parcialmente escavado.

c) Alguns sítios foram habitados a partir do “arcaico antigo”, como o Malhador (8.500 BP). Os pisos ocupacionais podem estar bem separados estratigraficamente, por camadas espessas, ou apenas delimitadas por finas lentes sedimentares. Na indústria lítica, desaparece quase que totalmente, o retoque, e não há peças típicas, mas apenas um grande número de lascas pequenas e médias, de pouca espessura. A debitage parece anárquica, apesar da presença de numerosas lamelas. Nos níveis inferiores de vários abrigos, grandes bigornas de calcário, talvez utilizadas para quebrar sementes, foram encontradas tanto nos pisos ocupacionais quanto em fossas de sepultamentos.

Aparecem em Montalvânia, particularmente, conchas perfuradas intencionalmente (plainas?) e pequenas contas de colar feitas de sementes.

Na região de Januária mapa-figura I, os níveis do arcaico são sempre caracterizados por grande quantidade de corante vermelho, amarelo ou laranja, formando verdadeiras lentes, nos níveis inferiores — no Boquete, uma delas tinha 1m de diâmetro e até 7cm de espessura —, ou concentrações de pequenos blocos vermelhos — compactos — e amarelos — friáveis. No Boquete, ninhos de vespas feitos de barro de várias cores, parecem ter servido de matéria-prima. Por vezes encontram-se somente pingos, como se fossem gotas caídas de pincéis muito molhados. A estratigrafia é complexa, com alternância de finas lentes de sedimento alaranjado e de espessas cinzas brancas de fogueiras, cujas covas atravessam eventualmente, os níveis imediatamente inferiores, tornando difícil a separação fina do material por níveis naturais.

Nos níveis pré-cerâmicos superiores, todas as sondagens mostram a presença de conjun-

FIGURA 2

MONTALVANIA

LOCALIZAÇÃO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

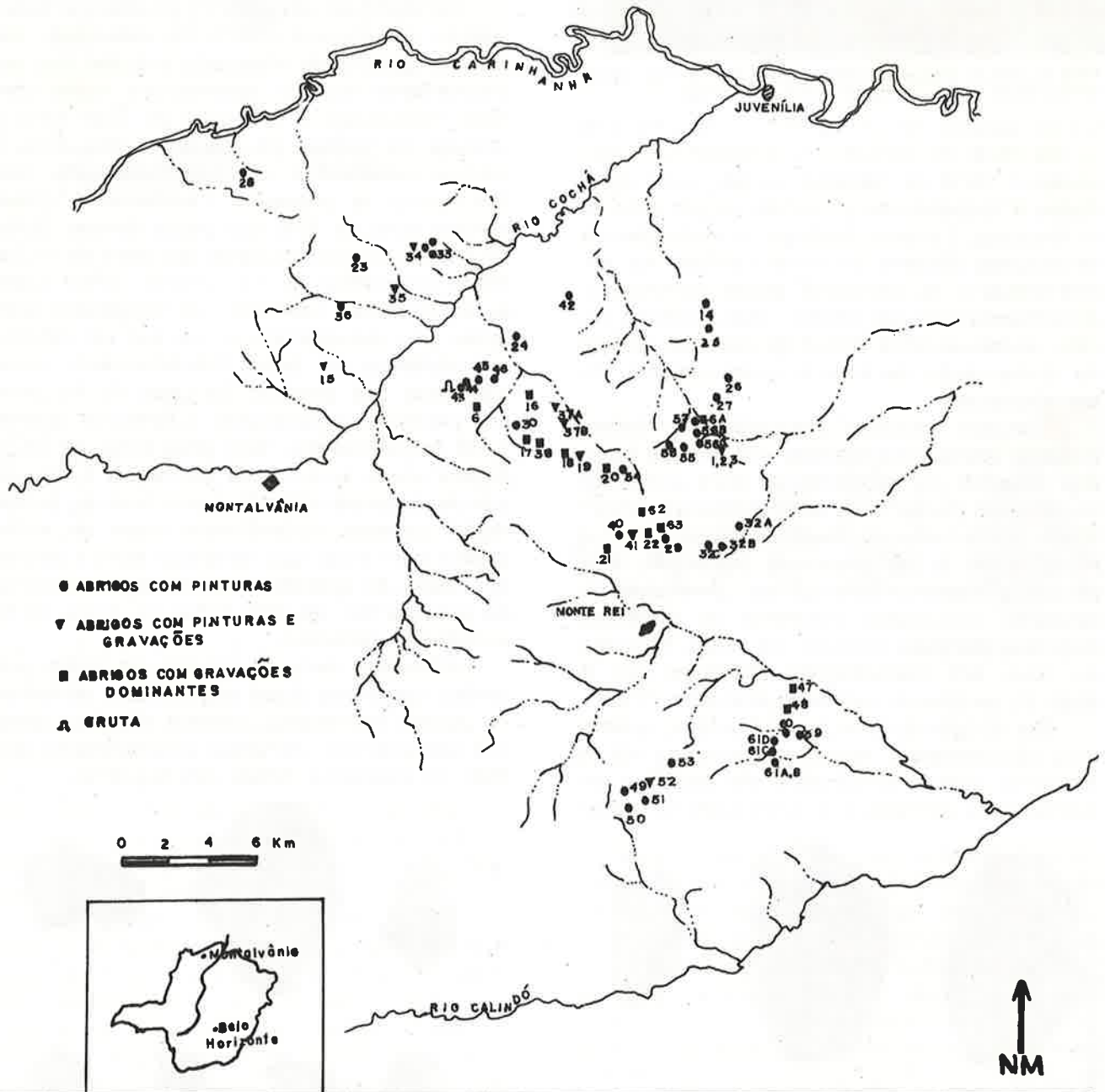




Foto 2: Lapa do Boquete, sondagem 2: sepultamento do pré-cerâmico médio, após a retirada da cobertura de pedras.

tos de buracos de postes. Foto 1, uns maiores — até 25cm de diâmetro — e outros bem menores — 13cm de diâmetro —, por vezes inclinados e rodeando os primeiros, como escoras — Boquete, Caboclo. Somente a realização de escavações maiores permitirá verificar os alinhamentos e as estruturas assim construídas. Acreditamos que, em alguns casos, tenham havido andaimes para pintar as paredes, postes de demarcação de silos e, possivelmente, de sepultamentos.

Diversas camadas pré-cerâmicas foram, algumas vezes, atravessadas por antigos buracos cavados por horticultores, para conservar vegetais — dados mais adiante. Vários "silos" foram posteriormente desfeitos pelos próprios construtores, e um sedimento misturado, mas às vezes bastante homogêneo, preencheu a cavidade, associando elementos de diferentes períodos, inclusive sabugos de milho. Na Lapa da Hora tais perturbações chegaram até à base do sedimento arqueologicamente fértil.

Em abrigos do vale do rio Peruaçu, apenas dois sepultamentos foram encontrados até o momento. Ambos primários e em decúbito um inteiramente estirado e o outro com os mem-

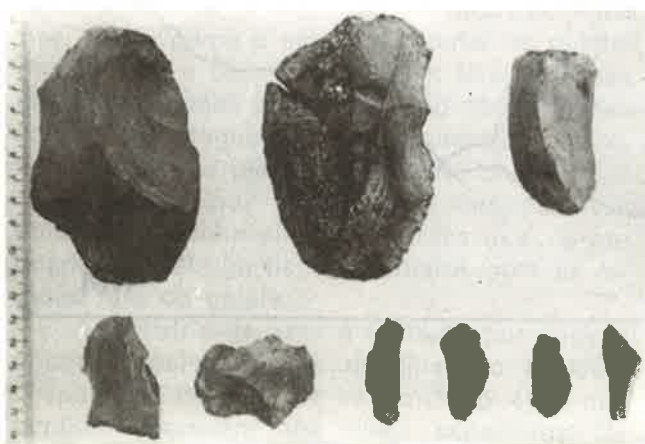


Foto 3: Lapa do Boquete, sondagem 1: lítico retocado do nível XII (11.000 BP).

bro inferiores fletidos (Foto 2). Grandes blocos de calcário estavam colocados imediatamente sobre os esqueletos, provocando diversas fraturas. Não havia vestígio de ocre nem de acompanhamento mobiliário, exceto prováveis ágapes funerários com vestígios de fogueiras. A presença de caramujos da família **Strophacheilidae** foi maior dentro das covas do que no sedimento adjacente. Pelo menos um dos sepultamentos pode ser estimado entre 6.000 e 8.000 BP.

Os vestígios alimentares mostram a continuação do aproveitamento de moluscos, porém em quantidade moderada, e quase que exclusivamente grandes gastrópodes, cujas conchas evidenciam a utilização do fogo para a retirada da lesma. Os restos de pequenos e médios vertebrados não são numerosos, predominando os pequenos mamíferos — quase sempre mais de 90% das peças ósseas. Nota-se a total ausência da paca, nos mais de 10.000 ossos analisados. É, no entanto, difícil saber se as amostras coletadas em sondagens limitadas são representativas, porque há indícios da existência de áreas funcionalmente especializadas nos abrigos. Na Lapa do Boquete, por exemplo, a sondagem 1 forneceu apenas 1.332 peças ósseas, num peso total de 517g. Alguns níveis arcaicos da sondagem 2, correspondendo provavelmente a uma área de preparação culinária evidenciaram fauna de vertebrados bem mais rica, incluindo muitos peixes, por vezes de grande porte. O aproveitamento de aves parece ter sido maior no limite arcaico/período cerâmico.

Além dos vestígios animais, se fazem presentes coquinhos licuri e guariroba, sementes de jatobá, cansação, pitomba e outros ainda não-identificados, formando eventualmente bolões ou pequenas lentes nas fogueiras.

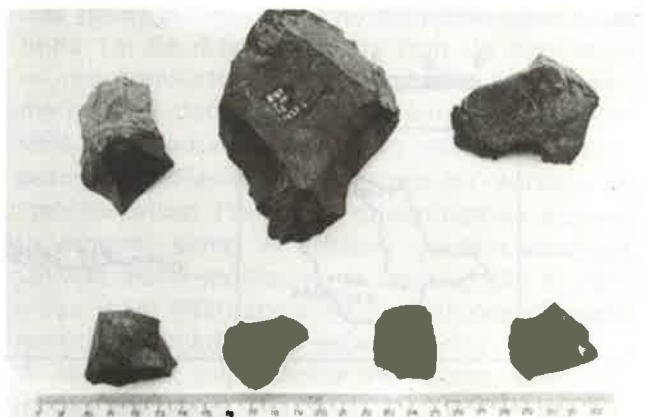


Foto 4: Lapa do Boquete, sondagem 1: lítico retocado do nível XI.

O final do pré-cerâmico (Foto 5) é marcado, no Abrigo dos Bichos e do Dragão, pela

existência de dois níveis de fogueiras cercadas por pedras muito bem construídas.

Paralelamente à ocupação dos abrigos, houve estabelecimento a céu aberto — Tronqueira e sítio erodido Antônio Cardoso —, dos quais se sabe muito pouco. Em ambos os sítios há uma debitação para obtenção de grandes lascas de sílex e meta-arenitos, retocadas em raspadeiras Foto 2 — **side-scaper** —,



Foto 5: Lapa do Boquete, sondagem 2: espátula de osso do pré-cerâmico médio.

raspadores plano-convexos e bifaces. Na Tronqueira foi coletada uma ponta de projétil com retoque total, bifacial, cuidadoso, de corpo triangular muito comprido, lembrando pontas nordestinas encontradas fora do contexto arqueológico (Mossoró — G. Martin). Tal material é muito diferente do que encontramos nos abrigos, a não ser em um nível intermediário do arcaico da Lapa do Dragão — nível IV —, onde apareceu uma indústria com raspadeiras feitas em grandes lascas de metarenito, destoando das lascas de sílex não-retocadas dos níveis imediatamente inferiores e superiores. Estimamos a idade deste nível — e, portanto, dos sítios abertos — entre 4.000 e 6.000 BP. No entanto, na ausência de datações não se pode excluir a possibilidade de serem mais recentes, pois há alguns cacos cerâmicos (intrusivos?) no sítio Antônio Cardoso.

d) O período ceramista, pelo menos no início, não parece corresponder a uma mudança na tecnologia lítica, sempre caracterizada por núcleos e lascas apenas utilizadas. Somente no final do período, provavelmente na época da chegada dos europeus, encontramos, nos níveis superficiais, lascas mais trabalhadas (Foto 6) mais numerosas — Hora —, com evidências de preparação bastante sofisticada dos núcleos — tabletas de refrescamento do núcleo —, além de reaparecerem grandes blocos de calcário com parte central polida ou picoteada, usados como batedores, bigornas,



Foto 6: Lapa do Dragão, nível IV: raspador de quartzito com retoque alterno.

semelhantes aos do arcaico antigo. A única lesma típica da região foi encontrada no sítio do Morro Vermelho. Raramente aparecem mós — Hora, Rezar — com superfícies bem polidas. Um fragmento de machado polido foi encontrado na superfície da Lapa do Boquete — única peça de material alóctone — e uma raspadeira em calcário, na Lapa do Dragão (Foto 7).

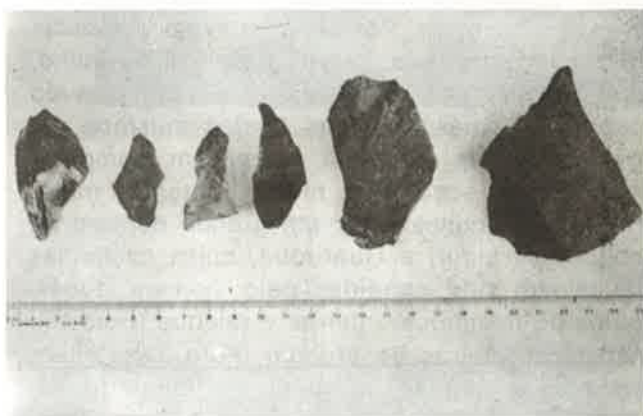


Foto 7: Lapa do Dragão, nível IV: lascas utilizadas e raspadores.

Existe, no entanto, um problema ainda para ser esclarecido: a possibilidade deste material ter sido retirado do sedimento de nível inferior, durante a preparação dos silos. Em todo caso, o material retocado de superfície varia de sítio para sítio, sendo muito parecido com o do tipo Paranaíba, na Lapa da Hora (Foto 8), e com o do arcaico, na Lapa dos Bichos.

Paralelamente encontram-se, no Peruauçu, vestígios de silos em fossa, em diversos abrigos. Estas estruturas podem ocupar a quase totalidade do espaço sondado, nos diversos pontos — Abrigo da Hora —, ou concentrarem, principalmente, em zona limitada —

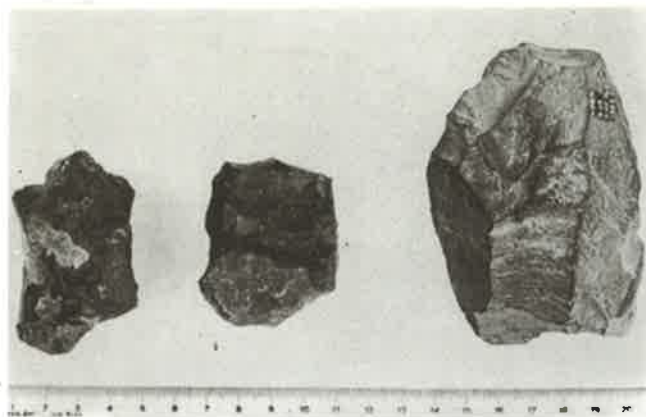


Foto 8: Lapa da Hora, período cerâmico inicial: lítico retocado.

Gruta do Boquete —, ou até faltarem nas sondagens — Abrigo dos Bichos. Até se realizarem escavações maiores, não se poderá determinar exatamente as modalidades de ocupação do espaço destes depósitos.

As dimensões dos silos são bastante variadas — de 20cm a 120cm de diâmetro, por 70cm de profundidade máxima. As paredes dos mais simples eram forradas somente por capins. O mais complexo — do Boquete —, continha no fundo uma esteira de tábua ligada por cordas de embira. Por cima estavam dispostas folhas de palmeiras, capins e palhas de milho, que também forravam as paredes afuniladas do depósito. Várias camadas destes mesmos vegetais (exceto a tábua), formavam compartimentos que separavam níveis contendo material vegetal conservado: um grande número de coquinhos Licuri e Guariroba, cujas castanhas já haviam sido extraídas pelo homem; tubérculos de mandioca, inteiros e ralados (Foto 15), cápsulas inteiras de urucum (Foto 12); feijão; sabugos e espigas de milho, de tamanhos variados (Foto 13 e 14), 2,8cm a 15,1cm; frag-



Foto 10: Lapa do Boquete, silo 3: linha de algodão enrolada em fragmento de sabugo de milho.

mentos de cabeças (Foto 16), folhas de fumo; sementes e pêlos de algodão (Foto 11). Continham também, fragmentos de cordas de embira, de duas maçarocas; barbañetes de algodão (Foto 10), com uma ou duas maçarocas; penas (Foto 17); contas de colar (Foto 2); fragmentos de cerâmica e restos vegetais ainda não-identificados."

A utilização deste tipo de estrutura é anterior ao século VIII da nossa era — Gruta do

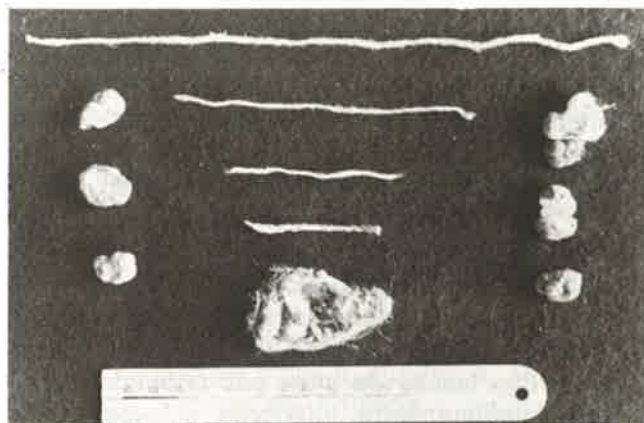


Foto 11: Lapa do Boquete, silo 1: sementes e barbañetes manufaturados, de algodão.

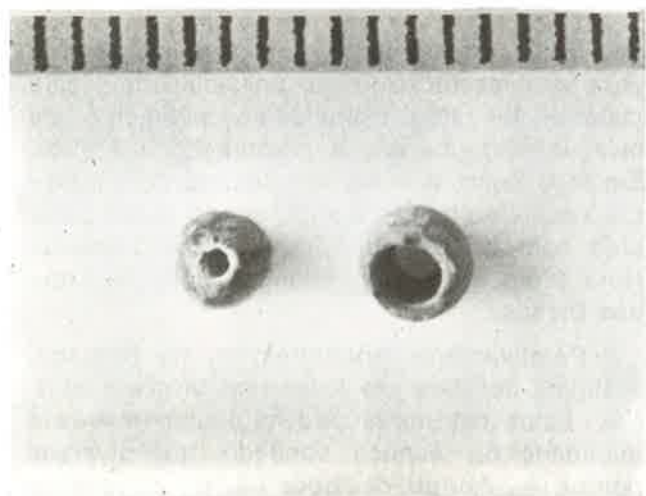


Foto 9: Lapa do Boquete, silo 1: contas de colar de sementes.

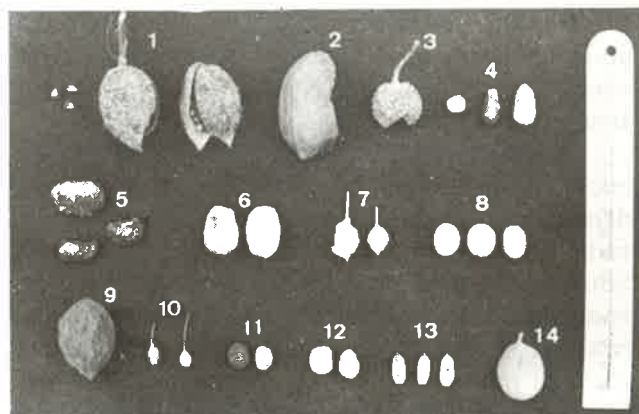


Foto 12: Sementes e frutos diversos: 1. Sementes e frutos de urucum. 2. Fragmento de fruto de cansaço. 3. Fragmento de fruto de mutamba. 4. Eixo e sementes de anonaceas. 5. Feijão-lima. 6. Sementes de umbu. 7-8. Não-identificados. 9. Coco guariroba. 10. Pimenta (?). 11, 12, 13. Não-identificados. 14. Fruto de pitomba. Lapa do Boquete, silo 1.

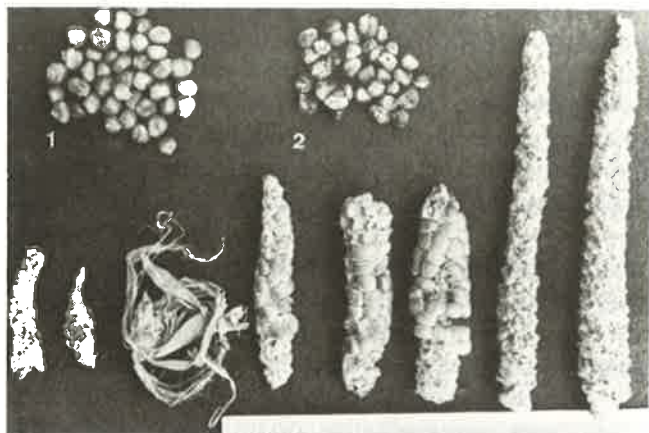


Foto 13: Grãos e espigas de milho: 1. Grãos tipo Nõdzòb Toré. 2. Grãos tipo Nõdzòb Pré. Lapa do Boquete, silo 1.



Foto 14: Conjuntos de espigas amarradas pela palha. Lapa do Boquete, silo 1.

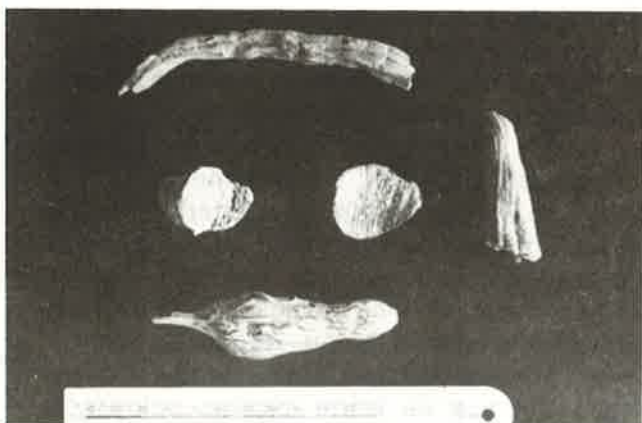


Foto 15: Lapa do Boquete, silo 1: mandioca desidratada. Nota-se nos dois fragmentos centrais, estrias paralelas indicando que foram ralados.

Boquete —, perdurando até os tempos históricos, pelo menos em alguns sítios, fato comprovado pela presença, no Abrigo da Hora, de um pequeno gancho de ferro fincado num sa-bugo de milho. Em Montalvânia, uma única estrutura semelhante, mas semidestruída, foi encontrada nos 24m² escavados.

Vestígios alimentares são ainda encontra-dos fora dos silos; mostram que a alimentação



Foto 16: Lapa do Boquete, silo 1: fragmentos de cabaça e de jatobá: 1. Sementes e fragmentos de cabaça. 2. Sementes e fragmentos de cascas de jatobá.



Foto 17: Penas de aves diversas. Lapa do Boquete, silo 1.

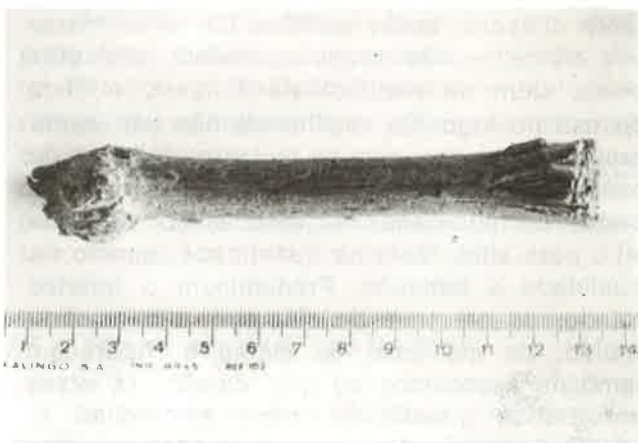


Foto 18: Pincel de madeira. Lapa do Boquete, silo 1.

vegetal não prejudicou a caça, principalmente de animais de porte maior e mais variada que no período pré-cerâmico, como os veados e os grandes felídeos.

Na transição do pré-cerâmico para o pe-ríodo cerâmico parece ter havido uma procura consciênte de um novo sistema alimentar, com experiências que levaram à posterior adoção da horticultura. No Dragão, por exemplo, houve

um consumo impressionante de caramujos terrestres da família **Strophocheilidae**, com a formação de um verdadeiro "sambaqui" cobrindo quase toda a extensão da escavação principal, à qual não parece se limitar. Centenas de conchas inteiras e várias bacias de fragmentos moídos foram retirados deste nível a cada m².

Um consumo exagerado deste caramujo — mais de dois por dia —, cria problemas de saúde, como demonstram as análises realizadas por M. E. Solá, para o Setor de Arqueologia da UFMG, e o fato já tinha sido observado pelos indígenas, conforme alusão de Soares de Souza. É provável que os maus resultados da experiência feita no início de nossa era tenha precipitado o sucesso da agricultura e sua adoção.

A indústria não-lítica é composta de uns poucos adornos de cascas de ovos de ema (?) — Abrigo da Hora —; grandes contas de colar feitas de ossos tubulares — Abrigo dos Bichos —; agulhas de osso; e trançados de cordas de embira. Mas o essencial é formado pela cerâmica. Não muito abundante, ainda que concentrada nos níveis superiores, ela parece evidenciar a influência de pelo menos duas, provavelmente três culturas, sem falar na cerâmica cabocla histórica.

• **Cerâmica das Grutas (Una?).** Cerâmica fina, compacta e de dureza elevada. Não apresenta decoração, mas as superfícies são bastante alisadas, quase polidas. De cores claras — creme —, às vezes apresenta brunidura preta, além de vestígios de fuligem, oriunda do uso no fogo. Os vasilhames não são muito grandes e predominam as tijelas globulares, de bases arredondadas e bordas diretas arredondadas ou apontadas. O antiplástico varia de sítio para sítio, tanto na quantidade, quanto na qualidade e tamanho. Predominam o quartzo rolado, de até 1mm de diâmetro, e o calcário moído, de até 2mm de diâmetro. Aparecem também, associados ou não, carvão, às vezes em grande quantidade, grãos de argilas de cores claras e grãos rolados de sílex e hematita de até 2mm de diâmetro.

• **Cerâmica aparentada a Sapucaí (?)** — em fase de estudos. Aparece em sítios a céu aberto, mas também em grutas, particularmente em Montalvânia. As paredes são espessas, sendo a face externa melhor alisada que a interna. A cerâmica é mais friável que a das grutas, com muitas bolhas e massa pouco homogênea. O antiplástico varia bastante na qualidade e na quantidade, sendo que na maioria dos cacos

apresenta-se bastante grosseiro, muitas vezes perceptível nas superfícies. Na região de Montalvânia predomina o antiplástico de quartzo, rolado ou não, de até 3mm de diâmetro, associado a grãos de hematita rolados, de até 3mm de diâmetro. Já em Januária, o antiplástico predominante é o calcário moído, associado ou não aos grãos de argilas de cores claras. Os vasilhames são de tamanhos variados — diâmetros de bordas entre 20cm e 50cm —, e as formas predominantes parecem ser as tijelas abertas, com base arredondada e bordas diretas arredondadas ou planas. As cores tendem a ser mais avermelhadas do que na cerâmica das grutas, e alguns cacos apresentam vestígios de engobo vermelho.

• **Cerâmica do tipo Tupi-Guarani.** Alguns cacos com decoração plástica — corrugada, unglada e pontuada — ou pintada, foram encontrados em abrigos de Montalvânia — Escrivida, Dragão, Labirinto de Zeus — e de Januária — Bichos, Índio. As formas observadas dos vasilhames foram, além de tijelas, potes carenados, pratos e, provavelmente, urnas. A cerâmica é espessa, friável, com muitas bolhas e superfícies simples. A decoração, quando aparece, está restrita ao terço superior externo, quando plástica, e todo o interior e bordas, quando pintada. As bordas cambadas são bastante comuns. O antiplástico predominante é o quartzo rolado, de até 3mm de diâmetro, em Montalvânia, e o calcário moído, em Januária, mas em quantidades menores que na aparentada a Sapucaí. Outros tipos de antiplásticos aparecem associados, mas em menor proporção. A fase Tupi-Guarani "Cochá" foi definida por Pepe e Dias (1973). Diferentemente do que ocorre em outras regiões do Estado, parece que a introdução da agricultura na região coincide com o aparecimento da cerâmica. Apesar de dispormos de uma datação de 5.000 BP para um nível ceramista — Abrigo do Malhador —, acreditamos que estas técnicas sejam bastante tardias no Norte mineiro, colocando a datação sob suspeita.

Os textos históricos quase não falam sobre os indígenas encontrados pelos primeiros colonos "brancos" da região, e os atuais Xacriabás — quase que totalmente aculturados —, estabelecidos em Itacarambi, e estudados por J. E. Teixeira de Abreu, não parecem ser descendentes das tribos pré-cabralinas da região.

A reconstituição da pré-história regional aparece, portanto, incompleta, enquanto escavações maiores — já previstas a partir de 1984 — não forem realizadas.

Verifica-se, no entanto, a existência de um equivalente da fase Paranaíba, nos níveis inferiores. No "arcaico", é difícil correlacionar os sítios de abrigo com os de céu aberto, sendo possível que várias tradições culturais tenham se sucedido, diferentemente dos sítios vizinhos de Goiás, onde a fase Serranópolis parece ser homogênea.

Espera-se caracterizar a população pré-histórica deste período, que não deve pertencer à raça de Lagoa Santa.

O estudo dos níveis ceramistas promete ser muito interessante. Uma vez resolvido o problema de sua maior antigüidade, poderemos esclarecer as relações entre os diferentes tipos de cerâmica encontrados nos abrigos, e a razão pela qual aparecem tipos tupi-guaranis em sítios normalmente evitados por esta cultura.

Outros tipos de vestígios poderão, por fim, serem correlacionados aos artefatos presos nos sedimentos, como por exemplo, os numerosos grafismos que formam um dos mais imponentes conjuntos rupestres do planeta.

IV. A ARTE RUPESTRE DO VALE DO RIO PERUAÇU E DE MONTALVÂNIA

Encontramos na região, grafismos relacionados a pelo menos duas Tradições bem definidas — São Francisco e Nordeste —, além de outras manifestações ainda não completamente esclarecidas.

Alguns elementos de cronologia relativa permitiram elaborar um quadro provisório da evolução estilística, particularmente no Peruaçu.

A. AS UNIDADES ESTILÍSTICAS

São determinadas, sobretudo, a partir da observação de:

a) sítios ou painéis onde são encontradas "puras", ou seja, não-misturadas com figuras de outras unidades;

b) "níveis" de superposição, evidenciando diferença estilística entre figuras "inferiores" e "superiores". Maiores detalhes sobre o assunto foram apresentados na **I Reunião da SAB** (Solá, Prous e Silva, 1981).

1. AS INFLUÊNCIAS NORDESTINAS

Em alguns sítios, nos painéis marginais aparecem cenas com pequenos antropomorfos pretos — Peruaçu — ou vermelhos — Montalvânia —, geralmente com menos de 10cm,

de corpo biconvexo, em cenas sexuais, grupos familiares acompanhados por tridátiles, e talvez uma "cena da árvore" atípica. Maiores detalhes serão encontrados em Prous e Paula (no prelo). Estas manifestações cobrem superfícies reduzidas e baixas, em paredes de fácil acesso.

Este tipo de grafismo lembra bastante a variedade Serra Talhada da Tradição Nordeste, definida por N. Guidon (Silva, ms).

Outras manifestações, mais discretas e isoladas, se misturam, às vezes, às da Tradição São Francisco. É o caso de pinturas mostrando uma lua — ou um barco — atravessada por uma lança — ou remo —, e rodeada por pequenos antropomorfos. Aparece apenas uma vez no vale do rio Peruaçu e três vezes em Montalvânia. Este tema tem seu equivalente no Estilo Seridó (Martin, 1982).

Outros elementos comuns aos estilos nordestinos são o uso de carimbos geométricos — atribuídos à Tradição Geométrica nordestina —, e a existência de grandes figuras antropomorfas, geralmente grosseiras, em Montalvânia, porém mais bem-feitas no vale do Peruaçu, e que destoam do contexto geral da arte rupestre regional. Em Montalvânia, estas figuras costumam estar sobrepostas às da Tradição São Francisco, e raramente aparece mais de uma num mesmo sítio. Estes antropomorfos poderiam ser comparados aos "bonecões" da Tradição Agreste nordestina.

Resumindo, podemos dizer que um conjunto bem definido corresponde, no vale do rio Peruaçu, à Tradição Nordeste — com variedade Serra Talhada que poderia ser chamada **estilo Limoeiro** —, enquanto que elementos discretos e esparsos sugerem contato com outros estilos e tradições nordestinas, porém sem formar um "nível cultural" definido.

2. A TRADIÇÃO SÃO FRANCISCO

Os elementos de definição e classificação foram apresentados por Solá, Prous e Silva (1981).

A Tradição se define pelo predomínio absoluto de sinais geométricos, freqüentemente bi ou policrômicos, acompanhados por alguns pequenos antropomorfos e representações de instrumentos. Como veremos adiante, alguns zoomorfos e fitomorfos podem aparecer nos mesmos painéis, mas há indícios de que devam ser atribuídos a outra tradição.

A Tradição São Francisco pode ser subdividida em várias fácies, cujo sentido parece,

ora regional, ora cronológico. Tipologicamente podemos distinguir:

a) Conjuntos gravados ou pintados, mono-crômicos

Certos painéis pintados em vermelho — vale do Peruaçu e Montalvânia —, ou picoteados — Montalvânia —, apresentam temática pobre e bem definida, que acreditamos existir desde o período inicial da Tradição, mantendo-se até o final dela. São pequenos antropomorfos associados a objetos — lanças, propulsores, machados, talvez maracás —, sem formar cenas de ação. Mais comuns são os sinais lineares simples, eventualmente aos pares, como “estrelas”, losângulos alinhados em barra vertical — lembrando um caduceu —, bastonetes com “cabeças” em ponto ou em círculo, bastonetes com secantes, linhas de pontos ou semicírculos, formas alongadas com protuberâncias lembrando pés. Eventualmente aparecem alguns zoomorfos em perspectiva de **plongée** — sauros? — e cobras.

Em Montalvânia, as figuras picoteadas — fácies Montalvânia — aparecem apenas em sítios de uma região bastante isolada, no meio de sítios com temática pintada.

b) Conjuntos com figuras pequenas e simples, bicrômicas

Em muitos sítios, formam a maioria das figuras. São caduceus, linhas quebradas ou meândricas, bastonetes de cores alternadas, linhas formando redes, cartuchos — ovais — pequenos com periferia e centro de cores diferentes, pequenas superfícies alongadas, retangulares, secantes, etc. Estas figuras são, geralmente, em vermelho e amarelo, surgindo raramente o marrom, o laranja e o preto. Encontram-se associadas algumas figuras antropomórficas com corpo e membros finos formados por duas linhas paralelas interligadas por perpendiculares.

c) Em um período relativamente tardio, desenvolvem-se novos estilos, com figuras maiores e mais vistosas, na região do Peruaçu. Os sítios localizados mais a Sudeste — Rezar, Bichos, etc. — são caracterizados por “cartuchos” (Foto 19), enquanto que na região Noroeste multiplicam-se superfícies geométricas com decoração interna. Em alguns sítios, como o Malhador, aparecem os dois tipos de figuras, embora em painéis distintos.

O primeiro grupo — de “cartuchos” — talvez deva ser caracterizado como uma fácies — Rezar —. É distinguido por grandes ovais



Foto 19: Lapa do Malhador, painel XII, montagem provisória dos decalques de pinturas rupestres. Notar os “cartuchos” (vermelho/branco) e as superfícies de tipo “Caboclo” (vermelho/amarelo).

chapados — geralmente o centro é branco ou vermelho — com contorno de cor preta ou amarela. Com a mesma técnica e mesmas cores, aparecem répteis e formas tri ou pentálobuladas — cactos?. Tais figuras ocupam lugares elevados e, freqüentemente formam um semicírculo acima de um painel de figuras simples, bicrômicas.

O segundo grupo, característico do estilo Caboclo, inclui superfícies de formas geométricas simples, ou seja, retângulos largos, quadrados geralmente amarelos, com contorno vermelho e decoração interna por pontos, raramente círculos, como na Lapa dos Cavalos, bastonetes e triângulos vermelhos ordenados simetricamente. A sofisticação desses sinais varia muito de um sítio para outro.

Bastante rara, uma variante desses sinais que chamamos “monogramas”, apresenta formas parecidas com maiúsculas do alfabeto romano duplicadas por simetria em espelho.

Os sinais “caboclos” formam, geralmente, alinhamentos horizontais na parte superior de painéis, cuja base recebeu grafismos mono ou bicrômicos simples.

3. TRADIÇÕES INDETERMINADAS

Conjuntos muito diferentes, aparecem em poucos sítios onde **podem** compor painel inteiro ou nível cronológico.

a) Representações pintadas, naturalistas de animais — aves, tamanduás, onças de tamanho médio de 30cm a 50cm — e vegetais — coqueiros, milho, etc. As figuras são monocrômicas, em preto, vermelho ou amarelo. Poderiam tanto ser manifestações de uma cultura local — sobretudo os vegetais — ou marcos da influência de uma das grandes tradições “naturalistas” (Foto 20). Talvez existam dois subgrupos



Foto 20: Lapa do Malhador, painel XII. Observar os coqueiros sobrepostos aos sinais da Tradição São Francisco.

cronológicos nessas figurações cujo corpo é representado chapado com boas proporções anatômicas.

b) Gravuras picoteadas com temática parecida — onça, aves, veados e uma figura mista constituída de corpo de ave e cabeça de veado. São de tamanho reduzido, menos de 20cm, filiformes e formam agrupamentos de poucas figuras, geralmente realizadas sobre fundo vermelho, que cobre os grafismos anteriores — Caboclo, Desenhos —, na parte mais baixa dos paredões decorados.

c) Na região de Montalvânia, raros sítios periféricos — Dragão — mostram grande número de antropomorfos filiformes muito esquematizados, formando correntes ou "cirandas" transformando-se em sinais como bastonetes com cabeça, retângulos com barras verticais internas, havendo uma série de formas intermediárias.

B. A CRONOLOGIA DOS ESTILOS

De um modo geral, o esquema apresentado por Solá, Prous e Silva (1981) para o vale do Peruaçu, permanece válido. Seis sítios que forneceram elementos de cronologia, particularmente superposições, mostram boa coincidência, embora hajam observações contraditórias, provavelmente porque algumas fácies desenvolveram-se paralelamente.

Parece fora de dúvida que as pequenas cenas com antropomorfos pretos, típicos da Tradição Nordeste, sejam as manifestações rupestres mais antigas. Seguem-se as diversas fácies da Tradição São Francisco. Nesta, as figuras mais vistosas — Rezar e Caboclo — parecem ter-se desenvolvido bastante tarde.

As representações pintadas de mamíferos e aves aparecem em alguns sítios — Caboclo e Boquete — contemporâneos aos grafismos "São Francisco", enquanto que em outros —

Desenhos e Índio — são posteriores. É possível que as análises em andamento permitam diferenciar uma primeira "onda zoomorfa", de outra, posterior. Num período final, aparecem às gravuras picoteadas, seguidas por desenhos toscos, geralmente rabiscados com corantes secos, imitando a temática de períodos anteriores.

Na região de Montalvânia precisamos efetuar verificações antes de elaborar um quadro, mesmo provisório. Alguns elementos são comuns como o Peruaçu: influências nordestinas, incompletamente levantadas, existência da Tradição São Francisco, mas sem os desenvolvimentos do tipo Rezar ou Caboclo e figurações de mamíferos e aves. Escavação complementar na Lapa do Dragão deverá estabelecer a antigüidade das gravuras picoteadas, típicas da região, e que não têm nenhuma relação com as do vale do Peruaçu.

V. CONCLUSÃO

Por ainda não termos localizado vestígios datáveis do pleistoceno, no Noroeste mineiro, a ocupação mais antiga se situa por volta de 11.000 BP.

O holoceno antigo — 11.000/8000 BP? — é caracterizado por uma indústria de sílex, com lascas bastante espessas, com retoque direto regular, onde se observam numerosos raspadores frontais e laterais. O mesmo fenômeno foi observado no Planalto, apesar da morfologia dos instrumentos divergir em razão da diferença de matéria-prima — plaquetas de quartzito, em Santana do Riacho, nódulos de sílex, no Peruaçu.

É provável que este nível antigo — "paleo-índio" na nomenclatura de vários autores brasileiros —, seja característico de todo o Centro e Nordeste brasileiros, como por exemplo a fase Paranaíba de Goiás, os níveis antigos de Angico, no Rio Grande do Norte, Chã do Caboclo, em Pernambuco, etc. Devemos notar, no entanto, a ausência de lesmas típicas, consideradas por Schmitz uma espécie de fóssil-guia deste nível cultural e cronológico, embora apareçam formas aparentadas.

Durante o holoceno médio — 8.000/6.000 BP? —, a elaboração de artefatos líticos retocados, com formas padronizadas, desaparece progressivamente, embora existam, ainda, lascas com retoque direto ou altermo, mas geralmente sem regularidade. O mesmo verifica-se no Planalto, com a ocorrência, também, de alguns **becs** típicos na região de Montes Claros — Lapa Pequena. Em ambas as regiões encon-

tram-se grande número de "quebra-cocos" sobre blocos de calcário. Outra característica geral nesta época é a fabricação de espátulas de osso e de plainas de caramujos.

Enquanto o polimento de rochas resistentes — machados — já era conhecido no Planalto, nenhum vestígio desta técnica apareceu ainda no Norte mineiro.

O holoceno recente — até 2.000 BP? — é caracterizado pela ausência quase total de retoque nas lascas, assemelhando-se à fase Serranópolis de Goiás. Numerosos vestígios de estaca indicam a construção de instalações complexas nos abrigos.

Apesar de haver no Planalto, indícios de agricultura no final deste período, os habitantes do Norte mineiro parecem ter continuado como caçadores-coletores. Datação isolada de 5.000 BP para um nível cerâmico deve ser, por enquanto, considerada com desconfiança.

O período pré-histórico terminal é marcado pelo aparecimento simultâneo de agricultura diversificada e da cerâmica.

Tanto no Planalto quanto nos vales afluentes do Alto Médio São Francisco, aparecem vários tipos de cerâmicas. Uma delas, que aproximamos da chamada "Una" por O. Dias, é característica das grutas, enquanto que outra, aparentada à Tradição Aratu-Sapucaí, não ocorre nos abrigos do Planalto, aparecendo no entanto, esporadicamente nos sítios sob rocha do Noroeste mineiro. É muito nítida a oposição entre as ocupações ceramistas das grutas, acompanhada por farto material lítico, eventualmente retocado e as de aldeias a céu aberto do tipo Aratu, onde aparece lítico polido — machados —, mas praticamente nenhum lascado. Esta última, eventualmente, surge misturada com alguns recipientes tupi-guaranis.

Em relação à arte rupestre, verificamos a presença da Tradição Nordeste, no vale do Peruaçu, talvez ligada a uma das mais antigas ocupações. A Tradição São Francisco, que sucede a ela, poderia datar do holoceno recente e tem muitos pontos em comum com os sítios goianos, fora da bacia do São Francisco — vale do Paranã, Mendonça, Ferraz e Mendonça. Esta tradição geométrica se desenvolve independentemente da outra naturalista, que ocorre no Planalto por volta da mesma época.

No período recente, parece haver ruptura de unidade, no vale do Peruaçu, com o desenvolvimento de estilo de figuras naturalistas, onde se destacam as aves. Neste momento, acreditamos que existam algumas relações entre o Nordeste, o vale do São Francisco e o Planalto.

Estas primeiras pesquisas do Setor de Ar-

queologia levantaram muitas perguntas que esperamos poder responder aos poucos, no decorrer das próximas campanhas. Ao mesmo tempo, permitirão também, a comparação de nossos resultados com os conseguidos por colegas, em Goiás e em outras regiões mineiras.

BIBLIOGRAFIA

1. CARTA GEOLÓGICA DO Brasil ao Milionésimo. *Folha Brasília* (SD. 23). Departamento Nacional da Produção Mineral, Brasília, 1976. 162 p. il, 1 mapa.
2. DARDENNE, Marcel Auguste. Os grupos Paranoá e Bambuí na Faixa Dobrada Brasília. In: Anais do Simpósio sobre o Cráton do São Francisco e suas Faixas Marginais. Salvador, Sociedade Brasileira de Geologia, Núcleo da Bahia, 1981. p. 140-57. il.
3. DIAS Jr., Odemar; CARVALHO, Eliana & CHEUICHE, Lília. Pesquisas arqueológicas em Minas Gerais: PROPEVALE (Programa de Pesquisa no Vale do São Francisco). In: Actes du XIII^e Congrès International des Americanistes. Congrès du Centenaire. Paris, 1976. p. 13-34. bibl. v. 9R.
4. Fundação Centro Tecnológico de Minas Gerais — CETEC. 29 *Plano de Desenvolvimento Integrado do Noroeste Mineiro: recursos naturais*. Belo Horizonte, 1981. 16 mapas. 2v.
5. JUNQUEIRA, Paulo Alvarenga & MALTA, Ione Mendes. Horticultores e ceramistas pré-históricos do Noroeste de Minas Gerais. In: *Reunião Científica da SAB*, 1, Rio de Janeiro, set. 1981. No prelo.
6. MARCATO, Sonia de Almeida. *Remanescentes Xakriabá em Minas Gerais*, Belo Horizonte, UFMG/AMHN, 3; 391-425, 1978. il. bibl.
7. — MARCATO, Sonia de Almeida. *Remanescentes Xakriabá em Minas Gerais*, Belo Horizonte, UFMG/AMHN, 3; 391-425, 1978. il. bibl.
8. AGUIAR, Alice; TADEU, Paulo & VICTOR, Plínio. Estudos de arte rupestre em Pernambuco, 2. A pedra furada em Venturosa. *Clio*, Recife, UFPE, 4: 19-34, 1981. il. A numeração a seguir relacionada corresponde à bibliografia consultada e que está inserida na Bibliografia Geral da Arqueologia Brasileira, publicada em *Arquivos do Museu de História Natural*, UFMG, 1979/80. v. 4/5.

0107 0354 0570 0584 0855 1.472 1.482 1.529 1.859
0315 0355 0577 0585 0859 1.478 1.483 1.530 1.874
0353 0404 0578 0738 1.344 1.480 1.484 1.858

RESUMÉ

Les travaux préliminaires effectués entre Januária et Montalvânia ont permis de différencier plusieurs cultures en stratigraphie datées entre 11.000 BP et la période historique. On dénombre au moins trois ensembles précéramiques; trois cultures céramistes sont associées à des formes d'agricultures, et des silos contiennent une grande variété de végétaux sauvages et cultivés. L'art rupestre, extraordinairement riche, montre plusieurs traditions successives; D'abord celle dite "Nordeste", puis celle "São Francisco", suivies par des manifestations encore mal définies. Malgré la présence de colorants dès les niveaux de plus de 8.000 BP, et la représentation de végétaux cultivés, la datation absolue des graphismes n'a pas encore été réalisée.

ABSTRACT

The preliminary survey and testing done in Januária and Montalvânia Region permitted to establish several cultures placed between 11.000 BP and the historical times. It was identified at least three preceramic complexes, three ceramic cultures associated with agriculture and several "silos" containing a variety of native and cultivated vegetables. The prehistoric rock art, extraordinarily rich, shows successive traditions. Although the findings of mineral dyes in levels older than 8.000 BP and the late paintings of maize field and manioc on limestone shelters, the datation of the pictographs has not yet been realized.